

ROSA MONTERO

LÁGRIMAS NA CHUVA

Tradução de Helena Pitta

Bruna acordou sobressaltada e recordou-se de que ia morrer.

Mas não agora.

Sentiu uma chicotada de dor nas têmporas. O apartamento estava na penumbra e no outro lado das grandes janelas a tarde caía. Atordoada, olhou para a paisagem urbana familiar, para as torres, telhados e centenas de janelas sobre as quais as sombras caíam em remanso, enquanto sentia a cabeça explodir. Demorou alguns instantes a aperceber-se de que aquele rufar não estava só dentro do seu crânio. Alguém batia à porta. O relógio marcava 19h21. Inspirou e ergueu-se com um gemido. Sentada na beira da cama, com a roupa amarrotada e os pés descalços, esperou alguns segundos para que aquela massa líquida em que o seu cérebro se tinha transformado acabasse de chapinhar e estabilizasse. Quatro anos, três meses e vinte e nove dias, calculou mentalmente com rapidez: nem sequer a resaca a impedia de repetir a sua rotina maníaca. Se havia coisa que a deprimia mais do que se embriagar era fazê-lo de dia. À noite o álcool parecia menos daninho, menos indigno. Mas começar a beber ao meio-dia era patético.

As pancadas continuavam, desordenadas, furiosas. Bruna irritou-se: mais do que uma visita inesperada, parecia um assalto. *Casa, ver porta*, sussurrou, e no ecrã principal surgiu o rosto do invasor. Da invasora. Demorou alguns instantes a reconhecer os traços desfigurados e convulsos, mas aquele horrível cabelo ruivo berrante era inconfundível. Tratava-se de uma

das suas vizinhas, uma replicante que vivia na ala este do edifício. Trocara apenas um ou outro cumprimento com ela nos últimos meses e nem sequer sabia o seu nome. Bruna não gostava muito de se relacionar com os outros reps. Embora, para dizer a verdade, também não se relacionasse muito com os humanos. *Para de uma vez, raios te partam*, murmurou, atormentada pelo ruído. Aquele estrondo insuportável fez com que se levantasse e fosse abrir a porta.

– O que se passa? – resmungou.

A vizinha deteve o punho no ar a meio do gesto e deu um salto, sobresaltada com o seu aparecimento repentino. Pôs-se de perfil, como se estivesse prestes a iniciar uma fuga, e cravou em Bruna o seu olho esquerdo. Um olho turvo e amarelado, receoso e dividido pela atraente pupila vertical dos reps.

– Tu és Bruna Husky...

Não parecia uma pergunta, mas respondeu de qualquer forma.

– Sim.

– Tenho de falar contigo acerca de uma coisa muito importante...

Bruna fitou-a de cima a baixo. Tinha o cabelo despenteado, as faces sujas, a roupa pouco limpa e enxovalhada, como se tivesse dormido com ela vestida. Coisa que, por outro lado, era o que a própria Bruna acabara de fazer.

– É um assunto profissional?

Por instantes, a questão pareceu desconcertar a mulher, que imediatamente acenou afirmativamente e sorriu. Meio sorriso de perfil.

– Sim. É isso. Profissional.

Havia qualquer coisa inquietante, qualquer coisa que não batia certo naquela rep desmazelada e trémula. Bruna ponderou a possibilidade de lhe dizer que voltasse num outro dia, mas a ressaca estava a matá-la e pressentiu que não receber uma pessoa claramente bastante ansiosa ia ser muito mais difícil e cansativo do que ouvi-la. De modo que recuou e a deixou entrar.

– Entra.

A androide obedeceu. Avançava aos saltinhos, como se o chão queimasse. Bruna fechou a porta e dirigiu-se para a zona da cozinha. Estava desidratada e precisava de beber alguma coisa urgentemente.

– Tenho água purificada. Queres beber um...

Não terminou a frase porque de alguma forma pressentiu o que ia acontecer. Tentou virar-se, mas já era tarde. Uma corda rodeou-lhe o pescoço

e começou a estrangulá-la. Levou as mãos ao pescoço, onde a corda lhe mordida a pele, e tentou libertar-se, mas a mulher não parava de apertar com um brio inesperado. Coladas inevitavelmente uma à outra, agressora e agredida lançaram-se numa dança frenética e violenta pelo apartamento, batendo contra as paredes e derrubando cadeiras, enquanto a corda apertava cada vez mais e o ar rareava. Até que, esbracejando desesperada, Bruna conseguiu enfiar o cotovelo nalguma zona sensível da sua inimiga, que soltou momentaneamente a presa. Passados instantes, a mulher estava no chão e Bruna em cima dela, imobilizando-a. Coisa que não foi fácil de conseguir, apesar de ser uma replicante de combate e, por isso, maior e mais atlética do que a maioria. A vizinha parecia ter uma energia inumana, um vigor desesperado de animal selvagem.

– Quieta! – gritou Bruna, furiosa.

E, para sua surpresa, a mulher obedeceu e deixou de se contorcer, como se tivesse estado à espera de que alguém lhe ordenasse o que fazer.

Entreolharam-se durante alguns segundos, ofegantes.

– Porque me fizeste isto? – perguntou Bruna.

– Porque me fizeste isto? – balbuciou a androide.

Os seus olhos felinos tinham uma expressão alucinada e febril.

– O que tomaste? Estás drogada...

– Vocês drogaram-me... Vocês envenenaram-me... – gemeu a mulher.

E desatou a chorar com um desconsolo infinito.

– Nós? Quem somos nós?

– Vocês... os tecno-humanos... os reps... Sequestraram-me... infetaram-me... implantaram-me as vossas coisas sujas para me transformarem num de vocês. Porque me fizeram isto? Que mal vos fiz?

O diapasão dos seus gemidos fora subindo e agora guinchava como uma possessa. De certeza que os vizinhos vão voltar a queixar-se, pensou Bruna, aborrecida. Franziu o sobrolho.

– Essa estupidez vem a que propósito? Estás louca ou quê? Tu também és uma replicante... Vê-te ao espelho... Vê os teus olhos! És tão tecno-humana como eu. E acabas de tentar estrangular-me.

A mulher tinha começado a tremer violentamente e parecia estar a sofrer um ataque de pânico.

– Não me faças mal! Por favor, não me faças mal! Socorro! Por favor!

Aquele terror evidente era insuportável. Bruna soltou um pouco a sua presa.

– Calma... Não te vou fazer nada... Estás a ver? Estou a soltar-te...
Se te mantiveres calma e quietinha, solto-te.

Libertou a mulher pouco a pouco, com a mesma cautela com que libertaria uma serpente, afastando-se de imediato, para fora do alcance das mãos dela. Lamuriante, a androide arrastou-se meio metro até apoiar as costas na parede. Embora parecesse um pouco mais calma, Bruna lamentou não ter consigo a sua pequena pistola de plasma. Escondera-a atrás do forno e, para a tirar daí, teria de deixar de vigiar a mulher durante alguns momentos. Na realidade era uma verdadeira estupidez guardar tão bem uma arma que depois não tinha hipótese de utilizar. Olhou para a intrusa, que respirava com dificuldade a um canto.

– O que tomaste? Estás feita num oito.

– Sou humana... Sou humana e tenho um filho!

– Está bem. Vou ligar à polícia para que te venham buscar. Tentaste matar-me.

– Sou humana!

– És mas é um perigo.

A androide olhou para Bruna com uma fixação cega. Um olhar feroz e de desafio.

– Não conseguirão confundir-me. Não conseguirão enganar-me. Descobri-vos. É isto que faço aos vossos implantes asquerosos.

Dito isto, virou um pouco a cabeça, mergulhou os dedos veloz e violentamente na órbita ocular e arrancou um olho. Ouviu-se um ruído suave e húmido, uma respiração abafada, uns fios de sangue. Houve um instante de angustiante, petrificada loucura. Depois Bruna recuperou os movimentos e precipitou-se para a mulher, que tinha desmaiado no meio de uma crise convulsiva.

– Pelo grande Morlay! O que fizeste, desgraçada? Raios partam todas as espécies! Emergências! Casa, liga para as Emergências!

Estava tão transtornada que o computador não lhe reconheceu a voz. Teve de respirar fundo, fazer um esforço e tentar novamente.

– Casa, liga para as Emergências... Liga de uma vez, raios te partam!

Era uma ligação de alta velocidade, só de áudio. Ouviu-se a voz de um homem:

– Emergências.

– Uma mulher acaba de... Uma mulher acaba de perder um olho.

– Número do seguro, por favor.

Bruna arregaçou as mangas da roupa da vizinha e descobriu dois pulsos ossudos e nus: não tinha computador portátil. Revistou então os bolsos dela à procura da chapa de identificação civil e viu se ela não tinha o *chip* de identificação pendurado ao pescoço, como muitos outros. Não encontrou nada.

– Não sei, não podemos deixar isso para mais tarde? O olho está no chão, ela vazou-o...

– Lamento, mas se não está coberta pelo seguro e com o pagamento em ordem, não podemos fazer nada.

O homem desligou. Bruna sentiu que no seu íntimo a raiva disparava, um espasmo de cólera que ela conhecia muito bem e que funcionava com a precisão de um mecanismo automático; nalgum local recôndito do cérebro abriam-se as comportas do ódio, alagando-lhe as veias com aquele veneno espesso. «Tens tanta raiva dentro de ti que acabas por tornar-te fria como o gelo», disse-lhe um dia o velho Yiannis. E era verdade: quanto mais colérica estava, mais controlada parecia, mais calma e impassível, mais vazia de emoções exceto aquele ódio seco e puro que se condensava no peito como uma pesada pedra negra.

– Casa, liga para os Samaritanos – disse, destacando as sílabas.

– Samaritanos, boa-tarde – respondeu imediatamente uma voz robótica convencionalmente melodiosa. – Lamentamos o nosso atraso em atender-te, somos a única associação civil que oferece serviços médicos à população carente de seguros. Se desejas contribuir economicamente para o nosso projeto, diz *doações*. Se é uma urgência médica, por favor, aguarda.

A mulher gemia baixinho nos braços de Bruna e o olho estava, de facto, no chão, redondo e muito maior do que poderíamos imaginar, uma bola ensanguentada com um grande tufo de fibras desmaiadas, como uma medusa morta ou um polvo marinho arrancado da sua rocha e atirado para a praia pela maré.

– Samaritanos, boa-tarde. Lamentamos o nosso atraso em atender-te...

Bruna tinha visto coisas piores nos seus anos de milícia. Muito piores. No entanto, o gesto inesperado e feroz da sua vizinha tinha sido particularmente perturbador. A dor e a confusão a irromper na sua casa a meio da tarde.

– ...diz *doações*. Se é uma urgência médica, por favor, aguarda.

É o que todos faziam, esperar e esperar, porque os Samaritanos não davam vazão aos pedidos dos que não tinham seguro e estavam sempre em colapso. Era possível que a mulher tivesse um, mas continuava inconsciente ou talvez profundamente alienada; de qualquer maneira, não respondia aos abanões nem aos apelos de Bruna, e de certa forma era melhor assim, porque o seu desfalecimento a protegia do horror do ato cometido. Talvez fosse por isso que não recuperava a consciência. Bruna vira isto muitas vezes na milícia, desmaiar para não sentir. A noite tinha caído e o apartamento estava quase às escuras, iluminado apenas pelas luzes da cidade e pelos faróis fugazes dos elétricos aéreos.

– Casa, luzes.

As lâmpadas acenderam-se obedientemente, apagando a paisagem urbana no outro lado da janela e dando um brilho viscoso, húmido e sangrento ao globo ocular colado ao chão. Bruna desviou os olhos daquele despojo e fitou o rosto da mulher e a órbita vazia. Um buraco tenebroso. De modo que, para desviar a sua atenção, olhou para o ecrã principal. Tinha tirado o som, mas estavam a passar as notícias e via-se Myriam Chi, a líder do MRR. Devia estar num comício e falava, da tribuna, com a sua virulência habitual. Bruna não gostava de Myriam e do seu Movimento Radical Replicante; sentia uma desconfiança profunda por todos os agrupamentos políticos e repugnava-lhe especialmente aquela auto-complacência de vítima, aquela mitificação histórica da identidade rep. Quanto a Myriam, conhecia bem as pessoas como ela, seres enterrados nas suas emoções como os escaravelhos no esterco, *junkies* do sentimentalismo mais exacerbado e mentiroso.

– Samaritanos, diz.

Finalmente.

– Houve um acidente no bairro cinco, avenida Dardanelos, apartamento 2334. Uma mulher perdeu um olho. Ou seja, perdeu-o completamente, arrancou-o, o globo ocular está no chão.

– Idade da vítima?

– Trinta anos.

Todos os reps andavam à volta dos trinta anos. Para sermos exatos, andavam entre os vinte e cinco e os trinta e cinco.

– Humana ou tecno-humana?

Novamente a ira, novamente a fúria.

– Essa pergunta é anticonstitucional e tu sabes disso muito bem.

Houve um pequeno silêncio no outro lado da ligação. De qualquer forma, pensou Bruna exasperada, com a sua resposta já se tinha denunciado.

– Iremos o mais depressa que nos for possível – disse o homem.
– Obrigado por ligares para os Samaritanos.

Toda a gente sabia que davam prioridade aos humanos, evidentemente. Não era uma prática legal, mas fazia-se. E o pior, pensou Bruna, é que fazia algum sentido. Quando um serviço médico estava a transbordar, talvez fosse sensato dar preferência àqueles que tinham uma maior esperança de vida. Àqueles que não fossem condenados à morte prematuros, como os reps. O que seria mais vantajoso: salvar uma humana que podia viver ainda cinquenta anos ou uma tecno-humana a quem restassem apenas alguns meses? Sentiu o gosto amargo e frio do fel subir-lhe à boca. Olhou para o rosto grotescamente incompleto da vizinha e sentiu um rancor pungente contra ela. Estúpida, estúpida, porque fizeste isto? E porque vieste fazê-lo na minha casa? Bruna ignorava os motivos da mulher, a razão do seu estranho comportamento. Devia estar drogada ou, quem sabe, doente. Mas não havia dúvidas de que esta pobre louca se odiava, isso era evidente, e o ódio era uma emoção que Bruna conseguia compreender. Nada melhor do que o ódio frio para acalmar a queimadura da angústia.